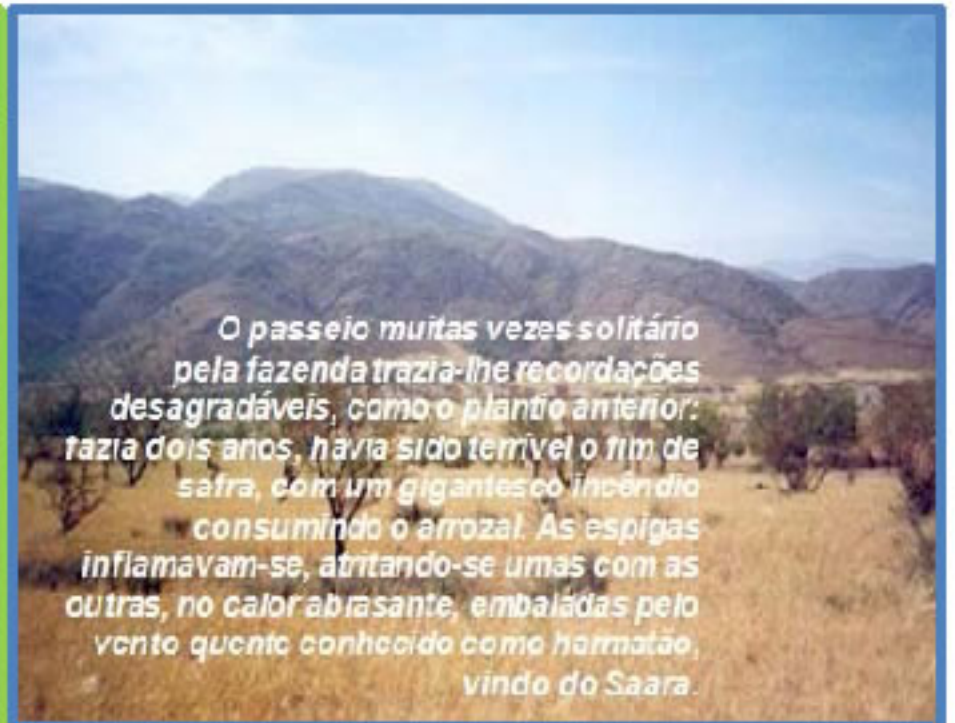


# Acidentes<sup>1</sup>

*José Luiz Pereira da Costa, 1997*



*Acostumado às veredas de sua propriedade, caminhava despreocupado e com naturalidade quando ouviu o ruído de algo se deslocando rapidamente em sua direção e, no mesmo instante, sem chance de qualquer defesa, sentiu a picada desagradável e dolorida dum traíçoeiro animal que, de imediato, sumiu entre as macegas. O bote, como sempre, foi rápido, e a fuga ainda mais. Mas não o bastante que impedisse Ajadil de, alarmado, compreender a extensão do perigo:*



*O passeio muitas vezes solitário pela fazenda trazia-lhe recordações desagradáveis, como o plantio anterior: fazia dois anos, havia sido terrível o fim de safra, com um gigantesco incêndio consumindo o arrozal. As espigas inflamavam-se, atritando-se umas com as outras, no calor abrasante, embaladas pelo vento quente conhecido como harmatão, vindo do Saara.*

<sup>1</sup> - Este é o décimo aniversário de *Acidentes*. Está registrado na Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.



---

**ACIDENTES**

Era domingo. O churrasco, apenas um corte de picanha. Tentador, enquanto em processo de assadura, pelas gotículas de gordura que se desprendiam dos nacos, cinco medalhões atravessados pelo espeto, sendo aquecidos no calor emergente de aromáticas achas de lenha feitas brasas. Surgia daí a fragrância característica de carne em tosta, que se espalhava com o vento por toda a parte, despertando apetite, fazendo salivar quem atingisse. Fez-se soberbo, quando posto à mesa, corretamente salgado. Chocolate no exterior, levemente rubro, na primeira camada interior. Sanguíneo no centro. Disto restava agora apenas um cheiro enjoativo de despojos de sebo que haviam sido atirados sobre brasas a definhar.

Na parte da manhã, Ajadil, a mulher e dois filhos ajeitaram umas poucas coisas e rumaram em sua caminhonete pela estrada que leva ao município serrano de São Francisco de Paula. Ir ao sítio, à margem daquela rodovia, com toda a família, constituía-se numa rotina que se repetia, pelo menos, em três fins de semana de cada mês. Um domingo era reservado ao serviço religioso, do qual participavam engajadamente.

Mantinhavam uma pequena herdade, conservada de um desmembramento sucessório: ficou com uma boa parte e revendeu frações para amigos, com os quais formou uma espécie de clube campestre privado, conservando, todavia, cada uma, sua individualidade imobiliária.

Com noventa hectares, o terreno de Ajadil se constituía numa bela propriedade, bem administrada, com a colaboração de um caseiro e sua família. Sua posse evidenciava sinais de prosperidade e boa gestão: possuía vacas leiteiras e gado de corte, devidamente confinados, segundo técnicas modernas, o que lhe assegurava considerável volume de leite e excelente qualidade de carne de animais que assiduamente participavam em certames rurais da região. Isto lhe exigia, sem dúvida, uma presença freqüente em São Chico, mas a distância entre o sítio e a capital não era muita, pouco mais de cem quilômetros de uma rodovia nem sempre bem conservada, porém envolta numa bela paisagem com cânions e profundos desfiladeiros, montes e vales de luxuriante verde capaz de constituir-se em poderoso lenitivo contra as tensões do dia-a-dia na cidade grande. Eram caminhos que tinham sua imagem alterada várias vezes no ano, ao sabor das mudanças, nítidas



no Rio Grande do Sul, das quatro estações do ano: névoas intensas, campos cobertos de orvalho, geada, às vezes neve, nos meses frios. Entardeceres de ouro, com a folharada de outono desbordando mil matizes de dourado. Primaveras e verões com onipresentes hortênsias.

Plantavam utilidades, como milho, feijões, tomates, mandiocas, batatas e um sem número de hortifrutigranjeiros, os quais abasteciam com prodigalidade sua despensa e, também, mercados da cidade, ensejando um retorno financeiro interessante.

O terreno era bastante acidentado, como o são as propriedades postadas nas encostas. Ali, a mais, havia uma grande quantidade de pedras, com as quais seus antepassados haviam feito sinuosas e longas cercas, comuns em diversas partes da Europa. Em abundância, fria, cristalina e livre de contaminações industriais era a água. Água que, em parte, após represada numa modesta, porém bem construída barragem — que os filhos batizaram de Itaipu — passava por uma turbina, gerando um bom número de quilowatts, capaz de dar-lhe, de graça, força para uma geladeira e um freezer, duas televisões e um videocassete, além de muitos pequenos artefatos elétricos de uso caseiro — mas, também, uma serraria onde o caseiro trabalhava madeiras que eram abatidas na propriedade. Ademais, mediante um acordo de manutenção da turbina, fornecia eletricidade para o grupo de amigos.

Era muito agradável para seus convidados urbanos passarem um domingo na propriedade de Ajadil. Encontravam, com os requintes de cidade, um modelo bucólico de vida, que conheciam somente através de leituras ou da televisão. No inverno, a expectativa da neve era um espetáculo à parte, apenas superado pela efetiva precipitação dos flóculos de cristais de gelo. Crianças e adultos varavam a noite, como fazem naquela da espera do Papai Noel, agora, em volta à crepitante lareira, bebericando vinho tinto ou quentão, comendo pinhão, pipoca e amendoim, torcendo para a chuva branca se materializar. Nevar, enfim, constituía-se em pretexto para grandes comemorações e para os brinquedos de adultos e crianças, de lançarem bolas de neve uns nos outros, e construírem bonecos, da forma como celebrizaram os do Hemisfério Norte.

Havia alguns cavalos, e o exercício da montaria seduzia os visitantes sobremodo, da mesma forma que longas caminhadas por entre bosques nativos, abrigo de três imponentes quedas d'água, com seus lagos naturais formados de águas muito frias. Enfim, elementos da fauna e da flora praticamente intocados transformavam os hectares de Ajadil em local de experiências inolvidáveis.

Ajadil fazia parte integrante desse ambiente, dele não destoando: simpático, sempre com um sorriso a aflorar nos lábios, quando não gerador de contagiantes gargalhadas, recebia os amigos com prazer genuíno. Nasceu assim e soube aprimorar o relacionamento humano, na



medida em que buscou sozinho seus rumos na cidade grande. Recolheu bons amigos, especialmente ao tempo do ginásio e do curso científico, muitos dos quais continua preservando como um de seus maiores tesouros. Raimundo, companheiro de colégio e de futebol amador, a quem chamava com imenso afeto de Sarimba, corruptela de sarará, era exemplo perfeito da amizade que acompanha algumas pessoas por toda a vida. Brigaram juntos na escola para, pela força, impor o argumento de que preconceitos de cor escondiam conceitos de estúpidos, quase sempre oriundos de deformações na educação familiar. Ao casarem-se, trocaram apadrinhamentos de filhos.

Neste domingo, como durante toda a primavera, a estrada, chegando a São Francisco, constituía-se em fonte permanente de atração, com as hortênsias esparramadas nos dois lados da rodovia, nos muros de pedra, plantadas pelos moradores das residências limítrofes, ou nativas, espalhadas por todos os cantos, oferecendo uma permanente paisagem de cartão postal.

### dois

Nascido ali mesmo, Ajadil é o que se costuma chamar no Rio Grande do Sul de pêlo duro: descendente dos primeiros povos que se assentaram no estado, vindos de São Paulo, e que se cruzaram, ou não, com negros e índios. Seu pai, inspirado em leituras de Érico Veríssimo, incutiu-lhe a idéia de que descendiam de pioneiros bandeirantes, como os retratados em *O Tempo e o Vento*. Leituras a respeito do escritor de Cruz Alta levaram Ajadil, por inspiração do pai, a ir para Porto Alegre cursar o Colégio Cruzeiro do Sul.

Diferentemente das escolas católicas, contra as quais disputava torneios de futebol, desfiles da mocidade e, mais adiante, concursos de bandas - o Cruzeiro, como era popularmente chamado, tinha no seu corpo diretivo religiosos protestantes da Igreja Episcopal Brasileira. Uma posição de respeito às origens religiosas da maioria de seus alunos  $\equiv$  católicos  $\Leftarrow$  fazia com que não houvesse qualquer influência para que freqüentassem a igreja de raízes anglicanas, situada na rua aos fundos do colégio. E, em tempos mais recuados, quando algumas escolas tradicionais católicas recusavam, discreta ou acintosamente, matricular raros negros que ascendiam à classe média, o Cruzeiro abrigava-os todos, sem preconceitos, ajudando, por conseqüência, à formação de uma saudável consciência de igualdade entre os jovens.

Nesse contexto, era, também o Cruzeiro, uma escola mista, como os colégios públicos da época, diverso das escolas católicas, acolhendo nas mesmas classes meninos e meninas.



Encerrado o curso científico, Ajadil deixou o velho Cruzeiro para ingressar na Faculdade de Engenharia da Universidade Federal, especializando-se em química.

Competente, seguiu o caminho da consultoria, trabalhoso e difícil de se impor. Foi ensinando coisas a um sem número de indústrias, dependentes de processos químicos, especialmente as da área da extração de óleos comestíveis de vegetais. Andou pelo interior do Rio Grande montando e alterando refinarias de óleo, quando chegava ao clímax o ciclo da produção de soja, e os industriais e cooperativas desejavam evoluir da extração mecânica, com prensas e similares, para a química, com o uso de solventes.

Os altos e baixos do emergente Brasil também jogaram Ajadil para o ápice e para a planície. Poderia ter ficado milionário, mas alguns de seus contratantes tiveram dissabores empresariais — os bancos não cobriram a safra, o preço mínimo desapontou, enfim as dificuldades de sempre — e por isso o incluíram solidariamente na coluna do passivo. Tinha, assim, um vasto conhecimento em sua especialidade, a propriedade onde naquele domingo desfrutava as últimas horas do fim de semana, a bela residência de Porto Alegre e dois automóveis.

Preparando-se para o chá da tarde, retornava Ajadil da parte onde a sanga passava mais próximo da casa, uns quinhentos metros. Tinha ido examinar o estado de suas tilápias, com as quais fazia um experimento muito interessante: criando um braço de seu algrão, fez construir um estrado de bambu, por onde vagavam alguns porcos de corte. Os excrementos dos porcos e sobras da ração que lhes ofertava, filtrando através da plataforma, alimentavam os peixes, que se mostravam pesados e saudáveis.

Acostumado às veredas de sua propriedade, caminhava despreocupado e com naturalidade quando ouviu o ruído de algo se deslocando rapidamente em sua direção e, no mesmo instante, sem chance de qualquer defesa, sentiu a picada desagradável e dolorida dum traiçoeiro animal que, de imediato, sumiu entre as macegas. O bote, como sempre, foi rápido, e a fuga ainda mais. Mas não o bastante que impedisse Ajadil de, alarmado, compreender a extensão do perigo: o monstro pré-histórico conhecido como cruzeira o havia ferido. Poderia estar jurado de morte, terrível o veneno que a *bothrops* expele de suas glândulas, inoculando-o em sua vítima. No turbilhão que lhe passou pela cabeça, enquanto se curvava para ver o ferimento com atenção, recordou do dito popular que avisa, *a urutu quando não mata deixa aleijado*. Ali estavam, já formando um edema e certa vermelhidão, as duas marcas deixadas pela *víbora de la cruz*, um pouco acima do cano curto de seu borzeguim.



A região do sítio, com suas pedras, é hábitat para cascavéis, dentre outras serpentes. Aquelas, porém, dificilmente são ignoradas, face ao chocalho que agitam no extremo da cauda, provocando seu ruído característico. Cruzeiras há, mas em menor quantidade. Traíçoeiras, capazes de botes muito altos, são silenciosas e vivem perto de locais úmidos, como aquele em que Ajadil se encontrava.

Nada a fazer, senão voltar depressa para casa e buscar socorro médico.

A distância de algumas centenas de metros até a casa foi vencida com alguma dificuldade, muito pela sensação de autocomiseração e, a cada minuto que passava, pelos primeiros sintomas de progressão da peçonha em seu organismo. Calça arregaçada, via o vermelho causado pelo veneno ir se espalhando, sem que pudesse fazer mais do que havia feito: tirou a cinta da calça e com ela fez um torniquete.

Encontrou-se, tempo após, com os filhos, que o socorreram. Informou de imediato tratar-se de um ataque de cobra cruzeira. Arrimado, caminhou o restante do percurso até a casa, quando, resoluta, a mulher punçou o ferimento e, sem qualquer receio, passou a sugá-lo enquanto, entre cusparadas, ordenava aos garotos para fazerem a caminhonete o mais confortável possível, de forma a deitarem seu pai e partirem, de imediato, para Porto Alegre, na viagem mais terrível que a família jamais experimentara, de volta do sítio. Ajadil entrava rapidamente num visível processo de sofrimento, com as primeiras hemorragias já se manifestando, quando a família chegava nas proximidades de São Leopoldo. E, lhes parecia, não havia alternativa, senão exporem-se, todos, e pessoas no percurso, a um outro e mais grave acidente, rodoviário, tais as imprudências cometidas nos quase cem quilômetros da volta até o moderno e extremamente bem equipado hospital de Pronto Socorro, ponto final daquela corrida de morte, contra a morte.

três

Abu tinha quarenta anos. Era geólogo. Empregado permanente do *Ghana Geological Survey Institute* cumpria, sem que muito lhe fosse exigido, ao ramerrão de servidor público. A sobra de tempo, e sendo o Estado um empregador pouco exigente, permitiu-lhe realizar trabalhos de



consultoria, os quais ensejaram pudesse injetar alguns recursos na propriedade de sua família ≃ duzentos e cinqüenta acres de campo onde, basicamente, plantavam arroz e algodão. Arroz do sequeiro.

Nas terras de Abu, água, ao longo de quase todo o ano, era miragem igual à de peregrinos ginetes das dunas ondeantes que se estendiam dali rumo ao norte, desviando um que outro acidente geográfico, até a Argélia. Sua fazenda se iniciava na margem de um raquítico tributário do rio Volta Branco, na vila Zuarungu, onde havia água apenas nos meses de agosto e setembro.

Pois a modesta disponibilidade de água fora o bastante para a formação de um diminuto e mult centenário ajuntamento de casas majoritariamente de taipa, cobertas com palha, em meio às quais se destacava uma pequena e elegante mesquita, cópia feita, com arte e primor, de um dos grandes templos islâmicos existentes mais para o norte, como em Sokoto.

Abu, em verdade, conservava como um de seus sonhos poder um dia viajar à Nigéria e conhecer Sokoto, terra natal de Usuman, líder da guerra santa que impôs a religião de Maomé em considerável porção da África negra.

Era sexta-feira. Abu iria se ocupar em dar cumprimento ao culto maometano, do qual era fiel seguidor, desde a infância, da mesma forma que fizeram seus ancestrais, os que viram seu imemorial animismo esmagado pelo furacão maometano do fanático hauçá Usuman don Fodio, e sua guerra santa. Iria se purificar, preparando-se para a oração. Tinha a intenção sincera de orar e, por isso, dirigira-se à mesquita onde parou num dos lavatórios para um processo de abluções: fez uma saudação "em nome de Deus!" e seguiu com a lavagem das mãos, dos punhos, até os cotovelos; limpou bem a boca com bochechos, engolindo ao fim a água; friccionou bastante as orelhas, os cabelos e sua barba, seguindo metodicamente mandamento segundo o qual devem ser lavadas, em primeiro lugar, as partes direitas do corpo; enfim, todo o processo foi repetido por três vezes. Seguiu os ensinamentos contidos no Suna e, após deixar os chinelos fora da mesquita, ingressou na sua casa de orações. Postou-se como outros homens da vila, curvado sobre os joelhos, fazendo inflexões ou não, repetindo um rosário de intenções, pedidos e apelos ~ rezava, enfim, para Alá.

No dia seguinte, sábado, Abu empreendeu rotineira viagem por sua propriedade. Não tinha por que se preocupar, naquele momento, com os muitos acres que compunham a fazenda. A cultura do arroz havia fracassado, e com isso, ao invés de haurir recursos para novas sementes, restaram dívidas para com o banco. Portanto, na sistemática de novos tempos, quando se aventuravam em plantar muito,



amparados em recursos de terceiros, a fatalidade de uma má safra significava aguardar por novos recursos, novas oportunidades, para obtenção de sementes, corretivos de solo, pagamento de empregados e outros compromissos.

Após rodar por vários quilômetros dentro de suas terras, parou numa das choupanas habitadas por um arrendatário e com o homem conversou sobre as dificuldades impostas pelo clima, como se nos últimos séculos houvesse alguma vez sido diferente.

No casebre havia quase nada, mas, mesmo assim, Abu bebeu um copo d'água e mascou um pedaço de carne de animal silvestre, numa prova do anfitrião de que, afinal, apesar de pobre, podia aplacar a sede de quem chegava à sua casa e ter algo para oferecer. Abu sabia que partilhava naquele instante da água que custara ao homem à sua frente trabalho penoso para obtê-la e, ainda, da carne que fazia falta a um de seus muitos filhos ou a si mesmo. Mas jamais poderia ofendê-lo com uma recusa em aceitar o obséquo.

Foi adiante Abu, sem encontrar mais do que um outro humilde arrendatário. Deslocou-se, então, para a região que desejava inspecionar naquele dia. Havia ali alguns furos no terreno, feitos, fazia anos, por geólogos da União Soviética, buscando depósitos de calcário capazes de abastecer à carente indústria da construção civil e, também, para eventual correção de solos, em regiões de alto índice de acidez.

O passeio muitas vezes solitário pela fazenda trazia-lhe recordações desagradáveis, como o plantio anterior: fazia dois anos, havia sido terrível o fim de safra, com um gigantesco incêndio consumindo o arrozal. As espigas inflamavam-se, atritando-se umas com as outras, no calor abrasante, embaladas pelo vento quente conhecido como harmatã, vindo do Saara. Uma tristeza assistir de longe - chegar perto seria suicídio - a fumaça negra se desprendendo da plantação, denunciando a vitória da natureza contra mais uma tentativa daqueles teimosos homens de produzirem arroz naquele local de pouca água, sol inclemente e ventos escaldantes, empurrando bilhões de abrasivas partículas de areia, vindas do grande deserto.

Abu via, agora, a possibilidade de conseguir algo de sua propriedade, com a venda de pedra calcária. E, envolto nessa conjectura, especialmente com a chegada, domingo, de um químico brasileiro, representando potencial participante de uma associação multinacional, ele caminhava na zona das jazidas de calcário.

Os furos, como poços de água, com cerca de um metro e meio de diâmetro e outro tanto de profundidade, estavam agora já cobertos pela vegetação da savana - um capinzal bravo, agressivo, com touças de ervas espinhosas.



Foi de um desses buracos que, horrorizado, imóvel, petrificado, viu, olhando-o, uma terrível mamba. Foi uma eternidade de dois segundos, durante os quais lhe passaram pela mente os registros de encontros fatais entre amigos ou conhecidos, e a mortal *dendroaspis*. Ela, então, pulou, picando-o. Sentindo ameaçados, seu ninho e a sua refeição, representada pelo animal já abatido a seu lado, não hesitou em defender-se, inoculando o que ainda lhe restava nas glândulas do veneno mais temido em todo o continente. A petulante serpente, diferentemente da cruzeira, não fugiu. Ferido, mesmo, Abu teve de correr do iracundo animal.

O terror, o choque, o torpor, o desânimo foram, contudo, superados pela necessidade de viver. Abu apanhou uma tira de borracha, pedaço de uma câmara de ar, esquecida no porta-malas de seu veículo, e fez um torniquete na parte superior do ferimento em sua perna direita. Embarcou no automóvel e rumou, como pôde, para o vilarejo, que com esforço logrou atingir. Foi retirado da viatura por um atônito filho. Não teve condições mais de caminhar. Outros correram em apoio, e depositaram-no na cama de casal de seu quarto. A mulher entrou em pânico. Tabus e crendices da infância paralisaram a pobre criatura. A falta de iniciativa foi suprida por uma irmã que saiu porta afora, buscando socorro.

Zuarungu, que foi importante caravançará no passado, que tem uma bela mesquita, com seu alto e arrogante minarete; que possui um posto de abastecimento que vende gasolina e óleo diesel; que abriga uma escola do alcorão, um posto policial, tendo no comando de si mesmo um velho cabo, que evita evasão fiscal ≡ carece, em retribuição, de um bom posto de saúde. Por isso, soou normal na paisagem local quando, retomando da correria, a cunhada irrompeu porta adentro com um cansado e velho homem, carregando coisas de seu ofício de chefe animista e muçulmano da comunidade ≡ o marabu. O mesmo que ensinara a Abu, a seu pai e aos outros meninos da vila as leis da vida, o respeito aos ancestrais e aos comandos do Alcorão.

Dominado pelo veneno quase sempre mortal da cobra ≡ ervas, poções, ungüentos, ensinados por avoengos, e rezas eram com o que contava Abu, já, agora, sem movimentos, sendo destroçado pela peçonha. Seus pais, os irmãos, uma velha avó, tios e sobrinhos rezavam por ele, esforçando-se para afastar lembranças de casos amplamente sabidos de mortes por picada da terrível mamba: continham-se, pois era tabu, trazia má sorte, falar nisto enquanto alguém jazia envenenado pelo réptil.

Entrou a noite e com ela o revezamento de rezas e a constante alteração das poções e dos ungüentos e, sobretudo, a tenaz resistência do organismo de Abu, opondo-se bravamente ao iminente colapso de seus órgãos vitais, que as toxinas da serpente queriam impor. A



madrugada fez por mostrar a solidariedade da pequena comunidade, toda desperta, preocupada com o destino do seu Abu, o homem picado pela cobra.

O velho curador, homem experiente, que havia visto muitas vezes suas habilidades falharem ante o poder deletério da mamba, desempenhava sua performance, com o desvelo das poucas vezes que tivera sucesso. E, entre olhares piedosos para o doente, e temerosos para o médium, que apelava no seu linguajar hermético por proteção das almas ancestrais, as horas escorriam.

O pássaro do alvorecer começou a alertar os insones de que a roda da vida marchava e um novo dia emergia. Alguns galos, por seu turno, anunciaram o nascimento do domingo.

#### quatro

Em Acra, ao som do mesmo trinar, e de idênticos cacarejares, eram dados os últimos retoques para a jornada que o engenheiro químico Ajadil empreenderia em direção a Zuarungu, a fim de examinar e recolher amostras de pedra calcária, em terras do geólogo Abu. Foi organizada uma estratégia de rali, com pontos de abastecimento e de refeições adrede ajustados com funcionários públicos postados em locais críticos, de estômagos e tanques vazios. Ajadil deveria, tudo dando certo, atingir, ainda no fim daquele domingo, o ponto final de seu deslocamento. Quando lhe disseram que a distância a ser percorrida seria em torno de seiscentos quilômetros, pensou numa viagem de Porto Alegre a Uruguaiana. Ao fim daquele dia saberia que errara os parâmetros, mas considerou o engano como irrelevante, pois sentiu que talvez pudesse tomar-se de alguma forma útil.

Partia, para viver uma rica experiência, o engenheiro Ajadil. Iria, na inimaginável Zuarungu, mais do que examinar peças e definir usos. Por ora, divertia-se com o mundo de novidades que seus olhos descortinavam, especialmente a paisagem humana, presente num rosário de pequenos povoados à beira das estradas. Mulheres, na grande maioria, percorriam as margens da rodovia, incansáveis, com os mais variados trastes na cabeça, filhos às costas, compelidas pelo estar vivo. Caaporas, na unanimidade, chocou Ajadil, pelo inusitado, a habilidade de urinarem de pé, o líquido aflorando das vestes com que enrolam seus corpos.



Estremeceu, entretanto, no recreio que se constituía sua viagem, quando ouvidos e olhos, que prazerosamente arquivavam sons e imagens da África, não tiveram como desviar a figura do troféu exposto ao fundo de uma casa, nem como abafar a algazarra que a conquista gerava. Haviam parado num ponto predeterminado para abastecerem o veículo e alimentarem-se. Quando estacionavam o automóvel chamou-lhes a atenção um agitado agrupamento de pessoas, na parte dos fundos do posto de abastecimento. Com o motorista, dirigiu-se ao local. Teve uma descarga de adrenalina e uma náusea instantâneas: morta, nos seus quase cinco metros de comprimento, jazia uma mamba que os nativos haviam abatido. Recuou instintivamente, recolhendo-se, pálido, para o interior do modesto prédio.

Não escapou, apesar de chocado, de ouvir histórias que seu motorista passou a contar sobre a terrível serpente, dendrobata, presente tanto na copa e galhos de árvores, no mato, quanto rastejadora, movendo-se, com inusitada velocidade na sua espécie, pelas macegas e trilhas.

O motorista levou adiante, para seu desalentado ouvinte, lendas a respeito da velocidade e habilidade da cobra em atingir suas vítimas, numa mistura do imaginário com a realidade. Era verdade inquestionável, entretanto, ser a mamba a mais veloz cobra conhecida.

O vidro da janela do automóvel que deslizava em grande velocidade na deserta estrada que cortava ainda a zona da floresta aparava a chuva intensa do exterior. Enquanto gotas escorriam mansamente pela superfície lisa, Ajadil mergulhava em seus pensamentos nas recordações da terra distante, ajudado pelo silêncio de ter-se esgotado o repertório de casos do motorista.

Ensimesmado, arrepiado em toda extensão do corpo, imaginou a figura da mamba negra transformar-se numa temível cruzeira, prestes a reanimar-se e pular sobre ele como fizera uma vez no passado. Foi recordando fatos fragmentados que breves estados de consciência registraram, como a correria sem fim pela estrada e, depois, a disparada celere de enfermeiros ao longo dos alvos corredores do hospital. Vinham-lhe à mente sons, que os guardava como comandos de enfermeiros, médicos, homens de saúde, que se agitavam com a tomada de medidas contra o progresso do veneno destruidor de seu sistema sanguíneo. Coisas que não assistira, por desfalecido, algumas contaram-lhe a mulher e os filhos. Hoje, consciência e inconsciência se consolidavam como uma mesma coisa que vinha lá do passado e formava um mural de horror que ele já conseguira, fazia meses, afastar de seus sonhos. Reler a Bíblia, nos dias intermináveis da convalescença, havia ajudado a arredar de seu processo mental a traumática experiência. Arredar, mas não apagar. A imagem da cobra gigante, diversas vezes maior do que uma urutu, trouxe-lhe, como no conto de horror, a magnificação de seu tormento.



As derradeiras gotas de água no vidro haviam sido jogadas longe, porque a chuva parara. Um glorioso sol transmutara, de um instante para o outro, essencialmente, o espírito de Ajadil. Copas de árvores, animais curiosos, já aclimatados com os bólidos da faixa preta, mulheres oleiras, que expunham seus produtos, apagaram o pesadelo ofídico de Ajadil e lançaram-no na beleza de um dia de sol à margem da floresta tropical. Relembrou, face ao inesperado reencontro com uma cobra, sorriso aflorando aos lábios, passagem bíblica de Amós, que compara certa situação à do homem que, fugindo de um leão, encontra um urso; e que, chegando em casa, apóia a mão na parede, sendo mordido por um serpente.

Ajadil e seu motorista cruzavam agora a savana. A floresta havia ficado à longa distância, depois de transporem os estados Achanti e Brongo-Ahafo. Estavam na região Norte de Gana, e o brasileiro recuperou algumas imagens conhecidas da caatinga nordestina de seu país. Como prisioneiro de uma fatalidade, observou o fogo ao longe — explicado pelo motorista como um incêndio de limpeza e preparação da terra — expulsando animais em pânico, muitos esmigalhados pelos veículos ao longo da estrada, dentre eles as cobras de sua sina.

### cinco

Era noite, perto de onze e meia, quando o motorista finalmente chegou a Zuarungu. Dirigiu-se à casa do geólogo e encontrou explicação para os rostos macabúrios das pessoas a quem solicitou o correto caminho para chegar até Abu. Seguramente, a esmagadora maioria dos habitantes estava em volta à residência. Mulheres choramingavam; homens, cabisbaixos, esperavam qualquer coisa, uma informação, detalhes do ocorrido. As crianças de há muito dormiam, não havia uma sequer. Essa imagem de desolação foi o primeiro e marcante registro da chegada de Ajadil ao seu destino.

Ajadil considerava-se preparado para encontrar um perdido vilarejo no interior da África, quando de sua chegada a Zuarungu. Mas as coisas que imaginava, a partir de uma coleção de informes que foi recolhendo, ainda no Brasil e no itinerário que cumpriu até chegar à capital Acra, destoavam por completo.



O anfitrião, agora desacordado, no entusiasmo de receber a insigne visita, prepara um dos quartos dos filhos para abrigar Ajadil. Não havia uma pousada sequer na pequena Zuarungu, portanto, durante o tempo em que estivesse fazendo suas pesquisas ~ seria questão de um ou dois dias, esperava Ajadil - acomodar-se-ia ali. Não poderia haver previsto o rebuliço que se instaurara e, muito menos, a causa dele.

Foi ao quarto de Abu e viu-se, no instante em que deu com o homem prostrado inconsciente na cama, ele próprio mordido por uma cobra. Ofereceram-lhe de imediato uma cadeira e lá se pôs sentado, patético, olhando fixamente o moribundo.

Assim, Ajadil ficou por horas a fio. Não falou com ninguém. Não prestou atenção às coisas que ocorriam à sua volta, embora o inusitado da atuação incansável do velho curandeiro.

Tarde, muito tarde, na madrugada, um dos irmãos de Abu conduziu o visitante para o quarto que lhe estava reservado. Como em estado de catalepsia, ficou outro tempo até ser vencido pelo sono. Tombou na cama, praticamente do mesmo jeito que chegara.

Ouviu um tambor ao longe que o fez despertar aos poucos do sono profundo, embora agitado, em que imergira. Dormiu novamente, por algum tempo, até que o tambor insistente voltou a acordá-lo.

Achou-se, nesse acordar, em lugar algum. Não sabia onde estava, até que as coisas começaram a tomarem-se claras. Deu-se conta de que estava em Zuarungu, na casa de Abu, e que esse havia sido mordido por uma cobra venenosa e estava às portas da morte.

A apatia e o choque desapareceram por completo, e Ajadil via-se plenamente lúcido e capaz de tomar iniciativas, como ver o estado de saúde do pobre homem. Tentar ajudá-lo. Afinal, vivera experiência semelhante e ali estava, vivo, para contar para quem quisesse ouvir que é possível sobreviver ao veneno de cobras, por mais peçonhentas que sejam. Ocorreu-lhe, nesse instante, a onipotência da ciência médica, representada, na imagem que lhe vinha à mente, pelo fantástico aparato de que dispõem hospitais como o de Porto Alegre. Não se abalou o impulso de ir em frente, de tentar algo, ao dar-se conta de que o Pronto Socorro estava do outro lado do oceano e que em Zuarungu não havia mais do que um feiticeiro e suas ervas.

Seu ímpeto resultou em pouco mais do que conversas com um irmão mais velho de Abu, que o fez admitir a impossibilidade de levar o doente, pelos meios de transporte disponíveis, até Kumasi, onde, eventualmente, apenas fortuitamente, poderia haver soro antiofídico. Quanto ao desencadeamento de uma operação humanitária, sugerida por Ajadil, o racionalismo daquele homem, nascido e criado isolado, num local ermo, tendo sempre que encontrar soluções próprias para emergentes problemas, tornou claro que poucos eram os aviões militares



disponíveis, e um desses teria de descer em Tamalê, longe muitos quilômetros, para depois levar seu irmão a Acra. Mas, indagou mais a si mesmo, do que ao interlocutor estrangeiro, como sensibilizar pessoas importantes a tanto, e tudo por alguém picado por cobra, algo nem inusitado, muito menos raro.

⇐ A alma do mano vai ter que mostrar que ainda precisa do corpo, concluiu, o irmão, com inelutável fatalismo o que pensava.

Ao longo da segunda feira, Abu nem morreu, muito menos melhorou. Estava ali, exaurindo as energia físicas e mentais do curandeiro que não arredava pé, tampouco alterava, na visão das pessoas, sua estratégia e sua medicação. O evento entorpeceu, também, a vida do povoado. Zuarungu parou no tempo, noutro plano, diverso daquele que, em realidade, estava imobilizado há gerações. As mulheres e os homens não arredavam pé, quietos, respeitosos e ansiosos. As crianças sumiram.

Na noite da segunda-feira, refeito do cansaço da viagem e ajustado à fatalidade do acidente ofídico sofrido por Abu, Ajadil recolheu-se para dormir cedo. Esteve em Porto Alegre, onde conversou longamente, e pediu conselhos a seu falecido pai; brincou com seus filhos e resolveu problemas de seus negócios, nos sonhos de uma noite na qual a tensão da longa viagem já havia amainado.

Acordou bem disposto, mas lembrou-se em seguida de que seu anfitrião poderia ter morrido na madrugada. Deu-se conta, nesse instante, que tivera sua onírica reunião familiar e de negócios interrompida pelo repique de um tambor, o mesmo que ignorara na manhã anterior. Estranhou o fato. Talvez seja algum aviso fúnebre, refletiu. Preparou-se para os eventos daquele dia.

Ao sair do quarto, pela janela do corredor que dirigia as pessoas de uma para outra dependência do bangalô estilo colonial que Abu construía, viu que a massa de vizinhos, ao contrário da noite, gesticulava muito e falava uns com os outros. Captou, do olhar de alguns deles, que o ambiente estava mais para chuva do que para sol. Ouvindo novamente, e de forma clara, o tambor a repicar sentiu, sem saber exatamente o porquê, pois ignorava o andamento de um tambor solo africano, que o tom não era fúnebre. Foi adiante e viu à sua frente o velho marabu. O homem estava mais encurvado do que o conhecera domingo à noite e durante a segunda-feira. Dava a impressão de que todas as agonias do mundo haviam sido absorvidas por ele. Exalava, também, um odor acre, de enxofre, que, apesar disso, não o tomava desagradável ou repulsivo.

Os dois se cruzaram.



Ajadil encarou com determinação os olhos do curandeiro. Obteve, do encurvado ancião, o mesmo gesto. Então, na fração de segundo, Ajadil viu naquele olhar, que lhe penetrou fundo, não a mirada da derrota.

E exclamou, com um gesto de triunfo, sem que ninguém próximo entendesse sua reação e sua língua:

☞ Por Deus, ele vai sobreviver!

Os sinais de melhora entusiasmaram Ajadil, e este insistiu junto ao irmão de Abu para que viajassem a Tamalê, em busca de socorro médico ☞ que ele delicadamente chamou de complementar. A sugestão de um estrangeiro recém-chegado gerou longas conversas na família e uma consulta formal ao marabu. Homem de poucas palavras, o médium, que já se cruzara antes com médicos de avental branco, aconselhou aguardassem um punhado de dias ☞ sequer insinuando a quantidade de dias que cabiam nesse punhado ☞ quando a fase pior passaria. Disse, ainda, o religioso, num pensamento imemorial, conhecido em muitas variantes por toda a África, que "uma vara distante não pode matar a serpente". A seguir arrematou, encerrando o assunto, da forma como ele próprio é chamado em inglês:

☞Tragam, chegado o momento, o branco *medicine man*.

Ajadil teve como alternativa ingressar na nova rotina; esperar pela melhora da saúde de Abu e da liberação para que fossem a Tamale buscar o médico. Zuarungu era um fim de mundo para o que conhecia, homem experiente e viajado pelo interior de seu estado natal. Mas foi-se ajustando à realidade e descobrindo um universo de pequenas coisas que despertavam sua curiosidade e ajudavam a fazer o tempo escorrer. Coisas tais como o harmatão, que passava sem ruído e com seu calor levando suas pedrinhas invisíveis. Entendeu, assim, a razão das túnicas que, apesar do calor de mais de cinquenta graus, cobriam as pessoas dos pés à cabeça, esta também envolta num turbante. Como o areal, de um amarelo, tendente para o tom avermelhado, presente em todos os cantos. Como as dunas que se formavam nos arredores da cidade e que no outro dia haviam desaparecido ou estavam noutra parte. À sua volta, imensa, a savana que necessitaria ser domada para poder produzir alimentos para aquele povo. Movimentava-se em meio a estranhos ; ninguém falava qualquer rudimento de sua língua ou do espanhol ☞ poucos, em verdade, falavam mais do que o dialeto de sua nacionalidade, comunicando-se com estrangeiros em claudicante inglês. Ignorando tais barreiras e ignorado pelas pessoas, Ajadil perambulava pelos poucos caminhos de Zuarungu.



No retorno de um dos passeios, de desocupado transeunte das vielas do vilarejo muçulmano, entrando na casa, viu que as marcas da peçonha, presentes nas partes visíveis do corpo de Abu, mudavam de cor. O espetáculo de mudar foi sendo acompanhado do abrir de olhos, do engolir líquidos e ingerir alimentos.

Foi quando, sem que Ajadil tivesse qualquer participação, apareceu, vindo de Tamalê o médico. Seria ele o *white medicine Man* a que se referira o marabu? Não, estava ali um serelepe jovem médico africano, formado na Europa, que animou a casa, a Ajadil e, quando a consciência brilhou tímida, como primeiros raios dum alvorejar, também a Abu. Fez reingressar, o doutor Alderbaran, com graça e espírito, ao mundo dos vivos.

Outra surpresa para Ajadil foi o médico esforçar-se por falar algo em portunhol, fruto da convivência na universidade com alguns colegas da Espanha e um brasileiro. Quis saber de Ajadil se Mineiro da Campanha era o local onde nascera um dos homens que admirava, o cientista brasileiro Vital Brazil.

Na rodinha à volta do leito de Abu, Alderbaran falou sobre as pesquisas médicas de Albert Calmette, pioneiro nas investigações sobre a utilização de soros contra picadas de cobra, e dos rumos dados pelo brasileiro Vital Brazil Mineiro da Campanha na utilização de soros específicos para grupos de cobras. Reconheceu para seus ouvintes, com a credibilidade que conferia sua formação acadêmica, com ânimo e veneração, que a salvadora de Abu foi a medicina ancestral, a mesma que vinha, com ervas, poções, soros e forças imanentes, obtendo resultados inúmeras vezes, em casos gravíssimos, como o envenenamento de Abu. E que, explicou Alderbaran, se constituíam em matéria-prima de inúmeros remédios de alta tecnologia, da atual farmacopéia ocidental.

#### seis

Ajadil reiteradamente avisou sua família da emergência e da necessidade que sentia, originada em intenso impulso interior, de ficar e apoiar aquele homem a quem se afeiçoara, sem com ele trocar qualquer palavra. Sentiu, no período em que Abu esteve prostrado sobre seu leito, uma profunda pena, que era a piedade que sentiu de si mesmo, também um convescente de acidente ofídico. A primeira vez que Abu viu, com plena consciência, aquele homem branco sentado à sua frente, na posição que costumam ficar visitantes de acamados — fez, com um arremedo de sorriso, Ajadil entender coisas tais como: escapara da morte e que estava feliz por isso e por ele estar ali esperando para poder



honrar o contratado. E o meio sorriso de Abu teve de volta o largo riso de Ajadil, dizendo: ☞ que bom, irmão, estás vivo! Aquele singelo apelativo, irmão, posto naquele ambiente, fez um bem imenso ao debilitado cidadão ali prostrado.

Pouco tempo depois, felizes, sentados à beira de um dos poços ☞ bem limpo, desbastado de macegas e livre de algum eventual traiçoeiro inimigo comum aos dois ☞ com Abu ainda em processo de convalescença, foram capazes de conversar sobre cobras. E quem iniciou foi Ajadil:

☞ Sabes quantas vezes aparecem serpentes na Bíblia, Novo e Antigo Testamentos?

☞ Não sei na Bíblia, mas no Alcorão, cinco vezes. E todas ligadas a Moisés.

☞ Pois na Bíblia são quarenta e quatro passagens. E eu as li, uma e outra vez, buscando a força necessária para enfrentar aquele momento tão difícil de minha vida. Como no Gênesis, 49:17 ☞ "*... uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás.*" Eu estava à porta da morte, e quando a lucidez se sobressaía à inconsciência, reformulava valores e pensamentos. Quão frágeis somos, e, como tudo, desejos, projetos, esperanças, determinação pode acabar com um traiçoeiro impulso de um animal da vereda. As raízes religiosas de minha formação foram o arrimo de minha recuperação e, tenho certeza, de uma melhor forma de viver, a partir de então. Houve um verdadeiro renascimento das trevas nas quais o veneno me lançara. Para não ficar aleijado, mesmo psiquicamente, como dizem ser o saldo do ataque de uma cruzeira, quando não se morre, procurei sofregamente forças no Livro.

☞ Eu empreendi uma longa viagem, Abu recitou lentamente. ☞ Era pequeno e caminhava no areal com meu avô. E é tão árduo caminhar na areia. Mas ele insistia, dizendo que tínhamos de chegar lá em frente, aonde a vida continuava. Eu estava vivo e não entendia bem o que vovô queria dizer, levando-me lá para frente, aonde a vida continuava. Eu vestia o primeiro traje completo, que era uma bata a cobrir meu corpo por inteiro, bonita, como aquelas que meu pai e os amigos dele sempre usaram. E caminhávamos, meu avô e eu. Ele era velho e muito mais forte do que eu, pois não fraquejava. Tinha as forças que me escapavam para andar, levando-me adiante, conversando sempre. Contou histórias de seu tempo e do amigo de infância, o marabu da vila. Como aquela de que o próprio feiticeiro havia escapado, por pouco, do ataque de uma pequena, porém feroz mamba. Devemos ter fé, ter em que acreditar, insistia ele. E caminhávamos no areal, sempre em frente.

☞ O estranho, *mister* Ajadil ☞ prosseguiu Abu, formalmente chamando seu novo amigo - é que eu era criança, na jomada com meu avô, mas meus pensamentos eram os de adulto. Do jeito que eu sou hoje em dia. Havia momentos em que tudo parecia ficar escuro, meu avô



sumia, apenas sua mão firme e sua voz vigorosa, como ao recitar aquela passagem do Livro dos muçulmanos, incompreensível na minha primeira bata; agora, clara, translúcida, no verso 2:257, do Suna, que diz: *Deus protege os crentes e guia-os das trevas para a luz*. Em verdade, Abu concluiu com emoção: - *"Eu já estava morto, e Ele me ressuscitou"*, numa referência ao trecho do verso 2:28 do Alcorão.

⊆ Eu, arrematou Ajadil, vi a serpente de bronze de Moisés, *olhei-a e sarei*.

⊆ Ficou provado, enfim, disse ainda Ajadil, para seu ouvinte atento, que tua alma necessita ainda de teu corpo; ou que tens coisas para fazer nesta passagem terrena.

E dando-se às mãos, a fim de ganharem impulso para se erguerem da posição acomodada em que se encontravam, sentados à beira do poço, riram muito com a citação que Abu, o maometano, fez da Bíblia:

- É do Eclesiastes 10:8 ⊆ *^ Quem abre uma cova, nela cairá, e quem rompe um muro, mordê-lo-á uma cobra."*

FIM